

MIDIATIZAÇÃO, CIRCULAÇÃO E LÓGICA DA VELOCIDADE: um olhar, em perspectiva histórica, sobre o processo de desinformação¹

Willian José de CARVALHO²

Doutorando

Paulo Roberto Figueira LEAL³

Doutor

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente artigo discute, em perspectiva histórica, o avanço das tecnologias de comunicação e informação (TICs) e a relação entre o processo de midiáticação, a constituição de circuitos informacionais e a lógica da velocidade. Com foco nas interrelações comunicativas dos meios e nas mudanças socioculturais da contemporaneidade, o estudo lança um olhar sobre o processo de desinformação. É fato que as novas mídias sociais digitais levaram o alcance da comunicação a patamares nunca antes imaginados – essa ampliação de alcance, contudo, veio associada à facilitação da produção e circulação de notícias falsas (*fake news*). Assim, perpassando os conceitos de Midiáticação, Circulação e de Dromologia, o estudo busca discutir o fenômeno de desinformação na atualidade, à luz do efeito da velocidade e de incremento de circulação presentes no processo de interação entre pessoas.

Palavras-chave: História da Comunicação; Sociedade Midiaticada; Mídias Sociais Online; Dromologia; Desinformação.

Introdução

Ao longo da história, a sucessão de revoluções tecnológicas no campo das tecnologias da comunicação tem ampliado o acesso à informação a um maior número de pessoas. Na atual etapa civilizatória, tem destaque o advento da internet (cujos primórdios se dão na década de 1960, mas que se manifesta como fenômeno de massas a partir dos anos 1980 e 1990). O acesso à informação tem se tornado cada vez mais veloz, especialmente por haver constantes avanços nas tecnologias de comunicação e informação (TICs) muito pelo desenvolvimento da rede mundial de computadores, e com a popularização das mídias sociais digitais.

Em contramão, aprofunda-se também um novo desafio: o processo de filtragem desses conteúdos, o que enseja o debate contemporâneo sobre as *fake news*. É certo que nossa percepção da realidade sempre está relacionada ao contexto social em que estamos inseridos

¹Artigo apresentado no GT História das Mídias Digitais, integrante do XIII Encontro Nacional da História da Mídia.

²Doutor. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. E-mail: paulo.leal@ufjf.edu.br

³Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. E-mail: wjcjornalismo@gmail.com

(BERGER; LUCKMANN, 1989; BARBEIRO, 1996; BRAGA, 2012). Ou seja, tal processo “é sempre intermediado por um estar na realidade em modo situado por um ponto de vista” (BRAGA, 2012, p. 32). Não é desta dimensão ontológica da experiência humana que se trata aqui – ao contrário, o foco se dá na produção e circulação deliberada de informação sabidamente falsa (por motivos políticos, econômicos ou de quaisquer outras dimensões).

Para combater os efeitos das notícias fraudulentas⁴, existem vários projetos de checagem de notícias que vêm realizando um trabalho de checagem. Esse labor de *fact-checking* busca identificar em meio a uma infinidade de notícias disponíveis confirmar e comprovar fatos usados em discursos (sobretudo políticos) nos meios de comunicação e outras publicações. Seu propósito é detectar erros, imprecisões e mentiras. É, sobretudo, no trabalho jornalístico de checagem e apuração da informação que se busca a veracidade de uma determinada fala, fato e conteúdo.

Se o processo de compreensão da realidade social se dá pela nossa relação com o meio em que estamos inseridos, é catastrófico o efeito de uma notícia falsa na sociedade atual. Especialmente quando olhamos para a questão da velocidade em que as informações chegam às pessoas. Hoje, estamos inseridos em um processo de *midiatização* (HJARVARD, 2012; FAUSTO NETO, 2008, BRAGA, 2012).

Não há apenas uma centralidade capaz de ordenar e contribuir para a construção da realidade que anteriormente se passava em grande parte pelas mídias. Hoje, com a evolução cada vez mais célere das TICs, a midiatização não se dá apenas por setores midiáticos (BRAGA, 2012). O processo interacional dessas novas tecnologias tem proporcionado a midiatização da nossa sociedade. E, para alguns autores como Carlón (2015) e Verón (2014), estamos já em um contexto de sociedade hipermidiatizada.

É fato que o jornalismo já passou por várias crises de credibilidade em seu processo histórico, mas talvez a que vivemos hoje seja a mais impactante, não apenas pelo questionamento da atividade jornalística, mas também por estar associada a uma crise epistêmica. Há crise da hegemonia da mídia tradicional está associada ao surgimento das mídias digitais que têm contribuído de forma significativa para essa (hiper)midiatização.

Assim, a questão da circulação nos ajuda a compreender a relação com o processo de desinformação na sociedade. Na sociedade midiatizada em que os processos de interação e

⁴ O termo “notícias fraudulentas” utilizado para compreender as *Fake News* é defendido pelo pesquisador Carlos Eduardo Lins da Silva. Em sua compreensão, a produção destas notícias tem conteúdos claros e são deliberadamente utilizados para ludibriar, para ferir reputações, para intervir num processo político de uma maneira ilícita.

circulação rompem com a tradicional lógica de produção e recepção, o compartilhamento e circulação de informações, e a produção de notícias não estão mais ligados apenas ao campo da mídia tradicional. Agora as novas mídias digitais, também, começam a ocupar esse espaço. O receptor tem a possibilidade de se tornar produtor e nasce um espaço imensurável para que a circulação e a interação de conteúdos alcancem qualquer pessoa.

Por fim, o que se busca com este estudo é discutir, com base em premissas sobre a historicidade do fenômeno comunicacional, o efeito da velocidade e do incremento de circulação presentes no processo de comunicação que se realiza em episódios de interação entre pessoas e/ou grupos de forma presencial e/ou midiaticizadas (BRAGA, 2017), especialmente, porque a velocidade constitui-se de um dos mais importantes fatores de alteração da nossa percepção de mundo (VIRILIO, 1984; 1996).

2. De uma sociedade midiática a uma sociedade (hiper)mediaticizada

Ao longo do tempo, temos nos tornados cada vez mais acostumados com a comunicação via mídia em vários contextos (HEPP; HASEBRINK, 2015). Hjarvard (2012) postula que, devido ao atravessamento da mídia na sociedade contemporânea, torna-se impossível separá-la das instituições culturais e sociais.

Em uma sociedade midiática, a mídia é considerada um campo social autônomo, que age por conta própria no ato da tematização e publicização, possuindo o controle enunciativo. Para Rodrigues (1990), as competências, lógicas, estratégias e valores dos campos sociais são registrados em protocolos ou gramáticas que se aplicam através de uma forma simbólica exclusiva, garantindo singularidade a cada um deles. Assim, podemos dizer que através dos processos de mediação, o Campo Midiático acaba por organizar a vida coletiva ao seu modo, sendo responsável pela produção dos sentidos que circulam nas sociedades, construindo a própria realidade social.

Entretanto, já em uma sociedade mediaticizada, a cultura das mídias produz “zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade” (FAUSTO NETO; 2008, p.93). Assim, com a mediaticização crescente nos processos sociais, existe uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage consigo mesma.

Gomes (2016) aponta que, com o advento da tecnologia digital, as interrelações tornaram-se complexas e se ampliaram, gerando uma nova ambiência. Por meio das sofisticções dos meios eletrônicos, o processo de comunicação é potencializado na contemporaneidade. Para o autor, tanto os interrelacionamentos comunicacionais, quanto os

processos midiáticos ocorrem no “cadinho cultural da midiaticização” (2016, p.17). Como resultado, a realidade da sociedade em midiaticização supera e engloba dinâmicas específicas que modificam o meio social. E, como tela de fundo da interação das dinâmicas sociais, temos a promoção da realidade digital. Conforme aponta Gomes, a sociedade em midiaticização constitui, nos diversos processos sociais, uma nova ambiência, um novo modo de ser de mundo, o que caracteriza a sociedade atual.

Hjarvard (2012) sugere que, ao lançar os olhos para os meios de comunicação na atualidade, dá-se conta que não são apenas tecnologias que instituições podem optar por utilizar, ou não, como bem entenderem. É preciso compreender e se submeter à sua lógica para que a influência que ela exerce possa alcançar o objetivo. Dessa forma, ao buscar compreender a presença do campo midiático e as suas instituições na sociedade, tal processo se torna intrínseco, pois se torna ilusório não o associar aos fatores culturais e sociais. Assim sendo, a sociedade midiaticizada compreende a influência dos *media* nos processos sociais, no qual a própria mídia assume funções sociais antes oferecidas pelas instituições tradicionais.

Há que se destacar também outra alteração decorrente do processo de midiaticização social. Ele ataca a esfera de “legitimidade” dos campos sociais, fazendo com que eles reelaborem essa esfera de forma contínua (BRAGA, 2012). Antes, se era necessário passar pela grande mídia acontecimentos para se tornarem notícias, agora temos vários meios não tradicionais como o Twitter, Facebook e sites, como fonte primária de veiculação de informações. As novas mídias, além de produzirem relações sociais entre as pessoas, estimulam a geração de novos conteúdos gerados por usuários (HJARVARD, 2012, p. 74).

Braga (2012) traz uma ressalva importante para a compreensão de uma sociedade midiaticizada. Apesar de existir uma relação com as inovações tecnológicas tornadas disponíveis, além da já tradicional presença da indústria cultural no nosso meio, uma sociedade midiaticizada não está dominada por uma só forma estruturante. Como sustenta Verón (1992), “a midiaticização opera através de diversos mecanismos segundo os setores da prática social que interessa, e produz em cada setor distintas consequências” (p.55). Então, para Verón, uma sociedade em vias de midiaticização é aquela em que as instituições, as práticas, os conflitos e as culturas começam a estruturar-se de forma direta com as mídias. A lógica e a cultura das mídias passam a reger esta grande orquestra, a vida em sociedade.

Tanto Verón quanto Hjarvard argumentam que o processo de midiaticização não avança ao mesmo ritmo nos distintos setores do funcionamento social. Hjarvard (2012) distingue o processo entre duas formas: direta (forte) e indireta (fraca). A midiaticização direta está

associada a situações em que uma atividade se torna mediada, onde antes não era. Essa atividade passa então a ser realizada através da interação com um meio. A arena política é um exemplo disso. Ao se adaptar à lógica midiática, o jogo da política permanece o mesmo, porém o seu funcionamento é ampliado. Com o uso seja das velhas e/ou novas mídias, há uma amplificação do fazer política. Se antes era necessária a presença física de um candidato nos diversos locais para angariação de votos, hoje, por meio de um dispositivo tecnológico, seja rádio, TV ou internet, alcança-se um número muito maior de pessoas.

Como já dito anteriormente, a ascensão da internet e o avanço das TICs permitiram uma mudança significativa na sociedade. Segundo Fausto Neto (2010), passamos de uma “sociedade dos meios”, em que a transmissão da mensagem era do emissor para o receptor; para uma “sociedade midiaticizada”, em que os receptores são ativos no processo da comunicação. O conceito de (hiper)mediatização marcado pela revolução do acesso pode ser resumido, a partir das discussões dos autores elencados acima, como um processo que marca a aceleração e/ou transformações sociais e culturais da sociedade por meio do desenvolvimento dos suportes de comunicação.

3. Circulação Midiática e os efeitos na sociedade

A (hiper)mediatização da sociedade gera novos padrões de interação e, assim, pode-se afirmar que a relação dos meios de comunicação e suas instituições na sociedade não pode ser separada dos fatores sociais e culturais. A própria mídia confunde-se com os outros processos sociais, havendo uma virtualização da interação social (HJARVARD, 2012). Porém, a mediatização também ataca a esfera da “legitimidade” dos campos sociais, “fazendo com que eles reelaborem essa esfera de forma contínua” (BRAGA, 2012). Antes, era a grande mídia a responsável por tornar acontecimentos em notícias, agora, com as mídias sociais digitais, esse papel também foi alcançado pelo receptor que também pode ser fonte primária de veiculação de informações, por meio do *Twitter*, *Facebook* e sites, pautando também a grande mídia.

Desse modo, o paradigma que norteou o campo da comunicação até a década de 1970 cai por terra. A visão de unilateralidade do processo comunicacional, em que o emissor, supostamente com amplos poderes, manipularia facilmente uma massa, sempre foi (e é cada vez mais) equivocado para se compreender o processo da comunicação. Essa “nova arquitetura comunicacional midiática” (FAUSTO NETO, 2010) é marcada por um modo diferente da relação entre emissor e receptor. Para o autor esses novos processos de circulação

de mensagens e de produção de sentidos têm proporcionado novos modos de interação entre as instituições, mídias e atores sociais.

Braga (2017) explica que é por meio de episódios de interação entre pessoas e/ou grupos de forma presencial e/ou midiaticizada que o fenômeno comunicacional se realiza. Ou seja, o autor postula que não há comunicação sem interação. Assim sendo, “podemos estipular que as interações sociais correspondem ao lugar em que podemos tentar nos aproximar do fenômeno comunicacional em sua ocorrência” (p. 20). Braga afirma que “quando se trata de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação posterior à recepção. [...] O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia” (BRAGA, 2006, p.28).

Durante o período em que os meios eram ênfase, a preocupação principal era de verificar a constância entre dois pontos: partida e chegada (FAUSTO NETO, 2010; BRAGA, 2012, 2017). Entretanto, diante da constatação de que os receptores são ativos, “a circulação passa a ser vista como espaço de reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação” (BRAGA, 2012). Assim, como postula Fausto Neto (2010b), não existem contratos de comunicação duradouros, mas “pontos ou zonas de articulação” entre o processo de emissão e recepção. É por meio da lógica das convergências, mas também pela lógica das diferenças, que pode se compreender o conceito de circulação. A circulação é um lugar no qual há jogos complexos de oferta e reconhecimento entre produtores e receptores (FAUSTO NETO, 2010).

O conceito de circulação, portanto, deve ser tomado como um “dispositivo central, uma vez que a possibilidade e a qualidade das interações sócio-discursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho em dar forma à arquitetura dos processos comunicacionais” (FAUSTO NETO, 2010b, p. 12). A circulação é, então, um dispositivo constituinte das interfaces. A relação com o conceito de dispositivo, por sua vez, se nuança através das mudanças tecnológicas, alterando a configuração dos meios e as discursividades na “arquitetura comunicacional”.

Para Braga, circulação pode ser compreendida a partir de um processo interacional. “A sociedade constrói a realidade através e processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam” (BRAGA, 2007, p. 143). A sociedade elabora (sempre através de tentativas comunicacionais de criação, de ajuste e de aperfeiçoamento)

processos mais ou menos reiterados de conexão e de tensionamento entre diferentes tipos de episódios – desenvolvendo assim lógicas articuladoras entre os dispositivos interacionais.

Destarte, Braga (2012) coloca que os subsistemas de “produção” e “recepção” não abrangem toda a complexidade das interações. Dessa forma, há uma dificuldade em diferenciar “pontos iniciais” e “pontos de chegada” como algo estanque, o que mostra que a distinção de papéis entre “produtor” e “receptor” não é da “natureza” própria do processo interacional.

Isso pode ser observado mesmo nos processos midiáticos. A sociedade interage com a mídia a partir de um sistema de “interação social sobre a mídia” / “falas sobre a mídia”. Tal sistema possui uma circulação difusa e diferida. “Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Se não circulassem, não estariam ‘na cultura’” (BRAGA, 2006, p. 27). Pensar “mídia” e “sociedade” de forma dual torna-se incongruente Segundo Lelo e Grohmann (2014), o papel da mídia no cotidiano dos indivíduos extrapola as interações pontuais e diretas com produtos midiáticos específicos de modo que as práticas interacionais envolvem recursos extraídos de processos midiáticos na constituição da trama social.

Portanto, pode-se afirmar que o caráter midiático do processo é mais uma questão de circulação da informação midiática do que contato com dispositivos. Como afirma Sodrê (2002), os objetos tecnicomidiáticos são mais que dispositivos técnicos de comunicação socialmente produzidos por uma lógica capitalista – são objetos acoplados a um fluxo comunicacional. Por estes dispositivos pode-se produzir uma ambiência onde se configuram as relações sociais.

Fausto Neto (2010) defende que, num primeiro momento, os modelos comunicativos tradicionais tinham uma compreensão nula do conceito de circulação. Assim sendo, a noção de circulação era condicionada de uma atividade tecnodiscursiva deferida pelas instâncias de produção. Já, num segundo momento, a circulação foi visada como um terceiro elemento de ordem interdiscursiva, com predominância da enunciação. Por fim, agora, a circulação já pode ser compreendida como zonas de interação”, seja enquanto dispositivos, seja enquanto espaços geradores de potencialidades.

Por meio da transformação das “sociedades dos meios” para uma “sociedade em vias de midiática”, as mídias perpassam para uma situação em que não há apenas de sentido único – emissor e receptor. “Na sociedade dos meios”, os estudos sobre a recepção mostram

que o receptor faz tantas coisas outras, distintas daquelas que são estimadas pelos produtores. Na “sociedade em vias de midiaticização” o receptor é ressituaado em outros papéis na própria arquitetura comunicacional emergente” (FAUSTO NETO, 2010, p.6). O autor coloca que é possível dar um passo além das relações direta entre produtor e receptor. Nessa “nova ambiência”, o receptor faz seguir adiante as reações ao que recebe. Isso se deve não apenas da presença de novos meios, mas também ao fato de que os produtos circulantes produzidos pela “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que vão além da situação de recepção.

Tal circulação se desenvolve das mais diversas formas, podendo ser: 1) a reposição do produto para outros usuários (modificado ou não); 2) a elaboração de comentários – desde os textos publicados ou as “conversas de bar” sobre um filme recém visto; 3) a retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); 4) a estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo combativo; 5) os esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta ; 6) a circulação de mensagens manifestas nas redes sociais.

Isto posto, é possível dizer que são os processos de circulação que possibilitam interações sociais. Os processos midiáticos – e também não midiáticos, mas que não deixam de sofrer os efeitos da midiaticização – acionam processualidades de circulação e criam relações, conexões sociais. A visão de fluxo comunicacional incorpora o sentido de circulação informacional, no tensionamento entre oferta e diversidade de usos e apropriações em operações de ressignificação de mensagens midiáticas.

4.A dromologia e a lógica da velocidade: um olhar histórico

Com o advento da modernidade, como aponta Berman (1986), instalou-se na sociedade uma multidão de processos sociais, entre eles as descobertas científicas, as revoluções da indústria, as transformações demográficas, as formas de expansão urbana, os Estados nacionais, os movimentos de massa. No bojo desse processo, como observou alguns autores, estamos sendo atingidos por fenômenos que impactam a maneira como a sociedade funciona. Rapidez, radicalização, velocidade, intensidade e alcance das mudanças denotam uma descontinuidade histórica (GIDDENS, 1991, 2002; BAUMAN, 2002).

É diante de uma aceleração desses processos que Virilio (1984; 1996) aborda uma questão interessante para um debate reflexivo que nos ajuda a compreender alguns fenômenos que estamos vivenciando na atualidade, como a questão da desinformação. A velocidade,

segundo o autor, acarreta mudanças consideráveis de estado e poder. O autor postula, em seus estudos, que a velocidade é igualmente um imperativo da modernidade, e ao mesmo tempo uma forma simbólica de violência e exclusão. A fim de compreender o efeito da velocidade na sociedade, Virilio desenvolve o estudo da dromologia⁵, termo cunhado pelo mesmo, que visa compreender o estudo da velocidade, a lógica da corrida.

Pode-se afirmar então que há uma equação fácil de entender e prática de ser vista. O valor percebido da riqueza é determinado pela velocidade. Virilio considera que a velocidade é fator principal do advento da revolução política. Além de permitir uma aceleração dos processos de produção, desmantelaram-se estes processos em proporções iguais ou mesmos maiores. Para o autor, a riqueza se norteia pela economia política, e a velocidade com que essas relações se entremeiam a essa lógica da corrida é capaz de articular velocidade e política.

Com evolução industrial (1760 – 1840), instaurou-se para muitas nações a necessidade de se tornarem cada vez mais velozes, gerando assim o acontecimento do mundo. Se, antes, a noção de fronteiras era algo bem delimitado, com os avanços tecnológicos cada vez há menos delimitação, em grande medida pela influência da revolução informacional e dos movimentos globalizantes. “A cegueira da velocidade dos meios de comunicação da destruição não é uma libertação da sujeição geopolítica e sim o extermínio do espaço como campo da liberdade de ação política” (VIRILIO, 1984, p. 130).

Antes da revolução industrial, para as sociedades pré-modernas, os valores de fronteiras caracterizavam o modo de viver, de relacionar e de identificação (GIDDENS, 1991; 2002). Com a lógica da corrida, as percepções do tempo e do espaço, antes tão extensas e progressivas, ganharam uma sensação mais intensa e volátil. O tempo agora se reduz pela velocidade dos fatos, em consequência, como apresenta Virilio, o espaço é determinado pela velocidade vezes tempo. Ou seja, a velocidade é primordial na vida social. Silva (2014), ao estudar conceitos de Virilio, destaca que o urbanista verificou na diversidade dos elementos da velocidade e tempo que a principal preocupação é a importância política da velocidade e sua relação com o espaço – por isso, não se pode construir um espaço se não se reconhecer a função do tempo como fator questionável.

A dromologia é concebida como o estudo do impacto da velocidade dos transportes e das comunicações no desenvolvimento dos territórios e das cidades contemporâneas. Assim, trata-se de uma questão de poder. Uma questão de fator de mudança social. A velocidade

⁵ Grifo dos autores.

marca fortemente a sociedade moderna. Silva (2014) destaca que o imperativo da velocidade que ora é celebrado como a promessa de rapidez fez crer que a possibilidade do deslumbramento dos aparatos exerce forte sensação de realizar sonhos de consumo e ao mesmo tempo passa a ser quem conduz e avalia o poder. Mais uma vez se verifica que o tempo é valor social no mundo contemporâneo.

Por meio da velocidade, valor principal nas relações humanas na modernidade ou pós-modernidade, explicam-se os rumos de nossa civilização. Como aponta Silva, a lógica mais creditada é aquela que sustenta que, quanto mais rápido for o acúmulo, mais rápido será o descarte, pois o movimento se faz presente e em constante movimento para o novo. Já, para Virilio, quanto maiores os fluxos de pessoas circulando, maior o poder sobre elas.

Com o advento da modernidade, o crescimento das TICs, de forma especial, com as possibilidades que a internet proporcionou para as sociedades contemporâneas, a lógica da velocidade nos transforma em sociedades dromocráticas: ou seja, instala-se a governabilidade da velocidade (Virilio, 1996). O primeiro aspecto da dromocracia a ser observado está no âmbito dos vetores de movimentação geográfica de corpos, objetos e valores (materiais e simbólicos). Não por acaso, Virilio (1996, p. 55) registrou que a velocidade provém do mar. Trivinho (2005) dialoga com Virilio sobre o marco da questão marítima.

Foi navegando pelo mar que as civilizações antigas, medievais e modernas possibilitaram a difusão comercial e cultural, desde as primeiras canoas escavadas, passando pelos navios a vela e posteriormente a vapor, chegando a veículos marítimos de grande porte como os transatlânticos e submarinos. No âmbito terrestre, tem-se primeiro o uso dos cavalos a pelo. Posteriormente, a invenção da roda e a domesticação do corpo animal. Ambas as técnicas – a montaria selada e a roda (de madeira ou ferro) –, somadas, dão origem à carruagem de tração animal e da charrete urbana, chegando hoje a veículos de transporte cada vez mais velozes que rompem a barreira do tempo e espaço, transportando-nos em pouco tempo a distâncias enormes como carros velozes, e trens balas. Por fim, a exploração do espaço aéreo começa com a circulação do balão tripulado movido a ar quente, em sequência, a criação do avião e helicópteros e mais recentemente, por naves espaciais, estações interplanetárias e satélites de comunicação.

Entretanto, Virilio olha para todos esses avanços oriundos da lógica da velocidade também por outro aspecto. As invenções e as novidades emergidas pela modernidade, que modificaram o comportamento da humanidade, agora cobram o seu preço. “Cada tecnologia produz, provoca, programa um acidente específico” (1984, p.40). Para o autor, os desastres

aéreos só foram possíveis devido à invenção dos aviões; já os desastres de trânsito surgem a partir do surgimento dos meios de transporte terrestre, como os trens de ferro com os descarrilamentos, entre outros.

Ao pensar os avanços tecnológicos, nasce esse paradoxo. São conhecidos por todos os benefícios do crescente avanço das tecnologias, porém, elas trazem junto de si a criação do “museu dos acidentes”. Diante disso, Virilio busca desmitificar a tecnologia como algo apenas bom ou positivo e, por isso, a ideia dos museus de desastres causados por essa mesma tecnologia chama atenção para a questão da velocidade e da aceleração de tudo que existe. Quanto mais veloz, maior será o acidente.

Assim, torna-se pertinente refletir sobre a lógica da velocidade no âmbito da comunicação. Souza (2018) aponta que com o advento da comunicação escrita se deu o início da dromologia comunicacional. Se antes, a comunicação escrita se deu (também) por meio da troca de correspondências desde o Egito Antigo, com a invenção da máquina de imprensa de Gutemberg, houve uma mudança significativa na relação de tempo/espaço da comunicação. Hoje, por meio da escrita digital, que praticamente eliminou a escrita manual, gerou-se certa instantaneidade na troca de informação escrita. O avanço tecnológico das TICs tem gerado uma Comunicação em tempo real. Não que ela não existisse. Antes ela era feita face a face e não havia um rompimento significativo da relação tempo/espaço. Com a invenção da imprensa, do telégrafo, do rádio, da TV e da internet, a velocidade comunicacional foi se estreitando cada vez mais para uma comunicação em tempo real. São segundos (ou milésimos de segundos) que separam um indivíduo de se informar e/ou comunicar em tempo real.

Tanto as mídias tradicionais e as novas mídias atuam numa corrida dromológica. Ao se olhar para a sociedade (hiper)mediatizada, podemos perceber essa lógica de forma mais intensa. As mídias digitais proporcionaram a cada indivíduo o papel de emissor. Se, antes, existia uma relação emissor-receptor mais claramente delimitada, hoje, por meio da velocidade oferecida pelos aparatos tecnológicos e o uso das novas mídias, qualquer indivíduo se torna capaz de emitir e transmitir um fato/acontecimento em tempo real. Ou seja, as TICs proporcionam à comunicação uma velocidade que modificou de forma significativa o modo de fazer informacional e comunicacional.

Na contemporaneidade, estamos inseridos em um contexto em que o hibridismo tecnológico se faz cada vez mais presente. Esse hibridismo também está presente nas esferas midiáticas e comunicacionais, que modificam constantemente o universo da cultura e

consequentemente da sociedade. É por meio dessas transformações tecnológicas e midiáticas contemporânea, hoje estruturadas em rede e consequentemente mais velozes, que se destaca a descentralização da comunicação em difusão dispersa e contínua. A grande maioria dos indivíduos, desde o início deste século, tem experimentado tempos de interconexões, em uma dinâmica que rompe a lógica de tempo/espaço. Assim, também por meio da velocidade, estamos inseridos em um tempo de intensa midiatização da sociedade, de redes que interligam máquinas e pessoas, de nuvens de informação.

Essa dinâmica de aceleração social do tempo também está presente no processo de produção simbólica jornalística. A corrida para dar conta da cobertura de (quase) todos os acontecimentos geram, como consequência, um excesso de informações. De forma mais enfática, é no ambiente digital que o jornalismo se vê atravessado pelas lógicas relacionadas a tecnologias capazes de reconfigurar desde a produção, passando pela distribuição dos seus produtos e, por fim, alcançando a periodicidade e as dinâmicas da indústria da informação.

5. Aproximações possíveis

Diante dos conceitos aqui abordados, torna-se possível afirmar que o conceito de *fake news* (bem como o processo de desinformação ao qual se associa esta categoria) está intrinsecamente ligado, em sua dimensão contemporânea, à existência de uma era de rápida velocidade de produção e circulação da informação. A lógica da produção das notícias – as formas tradicionais de organização, seleção, classificação e exclusão – são colocadas em xeque em um ambiente no qual parece não haver mais qualquer autoridade estabelecida; ou seja, qualquer um pode dizer qualquer coisa sobre qualquer assunto da maneira que bem entender.

Essa “nova ambiência” que rompeu a relação unilateral de emissor e receptor, proporcionou que qualquer indivíduo consiga produzir notícia/informação. Muitas delas são produzidas sem nenhum critério, com potencial de se espalhar, de manipular as emoções e de realizar influência negativa. Com o advento e popularização da Internet, o mundo caminhou a passos rápidos em termos de interconexão. O crescimento das TICs e o acesso a elas geraram uma revolução na maneira como a sociedade se informa e se comunica. Agora, com o envio de mensagens instantâneas e serviço de voz e vídeo em nível global, a sociedade é marcada por um modelo em que qualquer pessoa pode produzir e compartilhar conteúdo com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo.

Aqui não se pretende postular que a Internet e o crescimento das mídias sociais inventaram o fenômeno da desinformação. Entretanto, pode ser observado que elas criaram um ambiente propício para que houvesse uma difusão em massa de notícias falsas, em velocidade nunca antes vista na história da humanidade. A chamada “era da informação” fez emergir a sobrecarga da informação. O processo de circulação existente como elemento fundante da midiaticização faz-se ilustrativo do debate sobre desinformação, na medida em que o processo enfatiza o caráter de interação social, possibilitando perceber como os indivíduos produzem suas gramáticas discursivas ou suas conversações na relação com dispositivos midiáticos. Nesse contexto, a sociedade e seus indivíduos são instados a estarem constantemente conectados e atualizados diante de uma necessidade generalizada de dar conta de todos os acontecimentos. Assim, as informações não são mais filtradas e o excesso de informação que recebe um indivíduo não permite processar todo o conteúdo.

Por fim, aqui não se pretende esgotar qualquer discussão. Busca-se apenas trazer aproximações entre conceitos já existentes, articulando-os entre si. Categorias de análise como circulação, midiaticização, interconexão massiva e lógica da velocidade (aparentemente alheios ao debate sobre *fake news*) constituem solo teórico fértil para a compreensão do processo de desinformação característico da atualidade.

Referências

ALVES, M. A.; MACIEL, E. H.. O Fenômeno das Fake News: definição, combate e contexto. **Internet & Sociedade**. São Paulo., n. 1, v. 1, p. 144-171, fev. 2020.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BRAGA, J. **A Sociedade enfrenta a sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, J. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A; ARAÚJO, D; BRUNO, F.(Orgs). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007, p.141-167.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, M. Â.; JANOTTI JÚNIOR, J.; e JACKS, N. (orgs.). **Mediação e Midiaticização**. Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.

BRAGA, José Luiz. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J.L., et al. (org). **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade Campina Grande: EDUEPB, 2017.

CARLON, Mário. Público, privado e íntimo: el caso Chicas bondi y el conflicto entre derecho a la imagen y libertad de expresión en la circulación contemporánea. In: CASTRO, P. César

(Org.). **Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?** Maceió: EDUFAL, 2015. p. 211-232.

FAUSTO NETO, Antônio (Org.). **Midiatização e Processos Sociais** – aspectos metodológicos. Santa Cruz: Edunisc, 2010.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.) **Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario, Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 2-15. Disponível em: <<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wpcontent/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>>. Acesso: 12 set. 2020.

FAUSTO NETO, Antonio. **Midiatização: prática social, prática de sentido**. Paper, [Bogotá: Seminário Mediatização, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização: um conceito, múltiplas vozes**. Famecos, Porto Alegre, v. 23, n. 2, mai./ago. 2016.

HEPP, Andreas; HASEBRINK Uwe. Interação Humana e Configurações Comunicativas: transformações culturais e sociedades midiaticizadas. **Parágrafo**. São Paulo. v. 2, n. 3 jul./dez.2015.

HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In: **MATRIZES**, São Paulo, n.2, p.53-91, 2012.

LELO Thales Vilela; GROHMANN Rafael. A diversidade do conceito de circulação nos estudos em Comunicação. **ECCOM**, Lorena, v. 5, n. 9, jan./jun. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**, 6ª ed., Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

PRAZERES, M.; RATIER, R. **O fake é fast?** Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy. Estudos em Jornalismo e Mídia. Santa Catarina, vol. 17, nº 1. p.1-10, jan./jun. 2020.

SILVA, Mario Finotti. **Dromologiadromocracia no contexto da civilização cibercultural: a velocidade como imperativo da vida social**. / Mario Finotti Silva - 2014. 105 f. (Dissertação) de Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e emrede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Paulo de Tarso. Dromologia o lugar do imediato na comunicação. In: **III Jornada Internacional do GEMInIS**, 2018. São Carlos/SP: UFSCar. p.1-14.

TRIVINHO, E. Dromocracia, cibercultura e transpolítica: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada. In:

XIV Encontro Anual da COMPÓS, 2005, Niterói/RJ. Livro de Resumos - XIV Encontro Anual COMPÓS. Niterói/RJ: UFF, 2005. p. 85-86.

VERÓN, Eliseo. **Interfaces. Sobre la democracia audiovisual evolucionada**. Ed. Gedisa. Barcelona, 1992.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**. São Paulo, v. 8, nº 1, p. 13-19, jan./jun. 2014.

VIRILIO, P. **Guerra Pura**. A militarização do cotidiano. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

VIRILIO, P. **Velocidade e Política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.